

A nova direita antissistema: o caso do *Chega**

de Riccardo Marchi

Partido Chega: a extrema-direita fascista em Portugal

Chega Party: The Fascist Extreme Right in Portugal

por Ilse Gomes Silva**

O livro *A nova direita antissistema: o caso do Chega* foi encomendado a Riccardo Marchi, especialista em estudos de direita radical portuguesa, pela editora Almedina, em dezembro de 2019. O livro, logo que foi lançado em 2020, recebeu severas críticas de 67 intelectuais que publicaram o manifesto “Contra a higienização académica do racismo e fascismo do Chega”. Consideraram que Marchi não apresentou a face fascista, neoliberal e racista do Chega. Pelo contrário, esses aspectos “são apresentadas como se fossem apenas medidas de reforma profunda, que não violam as regras do jogo democrático tal como as temos estabelecidas constitucionalmente” (*Jornal Público*, 11 de julho de 2020, p. 07).

A reação desses intelectuais tem sua razão de ser. Considerando-se que Marchi é um reconhecido estudioso da direita em Portugal, a caracterização que faz do Chega como organização que se autodesigna como antissistema desvaloriza o alinhamento ideológico do partido e de seus líderes com a extrema-direita europeia. Marchi minimiza e banaliza declarações do principal líder e parlamentar do Chega, André Ventura, e escreve aquilo que o próprio partido e seu líder dizem de si mesmos. Abstem-se de criticar as semelhanças da prática política do Chega com a extrema-direita europeia, bem como seu caráter antidemocrático, racista, homofóbico, além de sua aproximação com o fascismo.

* Lisboa: Edições 70, 2020.

** Doutora em Ciências Sociais – Política, professora do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, São Luís, Maranhão, Brasil. End. Eletrônico: ilse@terra.com.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2749-806X>

Marchi apresenta, com palavras amenas que beiram a legitimação, “o ideário do partido, com particular atenção à cultura política individual dos seus fundadores e ao processo de formação da agenda política oficial” (p. 15). Utiliza em sua análise documentos oficiais do Chega, conteúdos de redes sociais, entrevistas de membros da direção nacional e de André Ventura, entre outras fontes, na busca de identificar a “coerência” e as “contradições identitárias do projecto Chega e dos seus promotores” (p. 16). A análise está desenvolvida tendo em conta o líder, André Ventura, o partido em seu processo de organização e disputa eleitoral, as ideias que orientam o programa político e, por fim, os argumentos conclusivos que levam o autor a caracterizar o Chega como um partido antissistema.

O autor faz uma narrativa sem críticas claras às posições do Chega e do seu líder. Ao descrever a ascensão do partido exaltando o empenho dos seus militantes, flerta perigosamente com a irresponsabilidade de não apresentar a face racista, homofóbica, nacionalista, conservadora e fascista do Chega. Na maioria das vezes não realiza uma análise, mas descreve e transcreve as falas dos dirigentes sem buscar o confronto com a prática política. Uma grande lacuna do livro é a falta de informações sobre as fontes de financiamento do Chega e os interesses econômicos que o partido representa ou qual o setor a que seus dirigentes estão vinculados. A importância da leitura do livro tem a ver com sua condição de fonte de pesquisa, pois é grande o volume do material coletado que, permite, mesmo sem as críticas do autor, traçar o perfil do Chega e dos seus dirigentes, conhecer o projeto político, as armas e artimanhas utilizadas para atrair os eleitores como o uso das redes sociais para veicular inverdades, atacar adversários e ser condescendente com a violência policial.

O autor não vincula o Chega à tradicional direita portuguesa. Afirma ele “é André Ventura tanto como ideador do projecto, quanto como catalisador e mobilizador de pessoas com proveniência sociopolítica muito diversificada” (p. 13/14). O partido não se vincularia às “referências clássicas da área nacionalista portuguesa, mas perpassam todo o espectro político sem assentar raízes numa ou noutra cultura política em particular” (p. 14). Entretanto, o material apresentado no livro deixa claras as ligações do Chega com movimentos de extrema-direita portuguesa e europeia. Em julho de 2020 o partido divulgou, em sua página na internet, a integração do Chega ao Identidade e Democracia (ID-Party), uma das mais importantes associações internacionais da extrema-direita europeia, cujos principais membros são os partidos da LIGA Itália, de Matteo Salvini; a Alternativa para a Alemanha; o Partido da Liberdade, da Áustria; e a Reunião Nacional, de Marine Le Pen.

Quanto ao líder do Chega, o tratamento é biográfico, linear, evolutivo e, em certa medida, condescendente com a postura oportunista e negacionista.

Quando Marchi o critica, minimiza o carácter racista, homofóbico e violento de suas declarações. Identifica o projeto do Chega como originário das ambições e percurso político do líder, sendo um partido que ocupa o espaço da “direita antissistema – até aí ocupado por projectos marginais e falimentares do ponto de vista eleitoral” (p. 20). Apesar de o autor considerar André Ventura uma novidade no espectro político, as informações contidas no livro demonstram que este sofreu influências que remontam à direita tradicional e às vivências, na adolescência, na Juventude Social-Democrata – JSD. Em 2001 filiou-se ao Partido Social Democrata (PSD) e começou a trilhar seu projeto político nas mídias de massa e defender “um modelo de direita que não fosse uma direita classista” (p. 22). A carreira política foi impulsionada pela sua atuação como “colunista e comentador na comunicação social em matérias de segurança, justiça, política e desporto” (p. 25). André Ventura utilizou-se da popularidade adquirida pela exposição pública na televisão e no clube de futebol do Benfica para se promover como líder político.

A decisão de fundar o Chega decorre das disputas internas pela orientação política do PSD e o controle da máquina partidária. Marchi valoriza os depoimentos de amigos e militantes do Chega que afirmam que André Ventura não é racista e nem homofóbico. No entanto as declarações do parlamentar contra a comunidade cigana, a hostilidade dirigida à deputada eleita pelo Livre, Joacine Katar Moreira, da Guiné-Bissau, e aos de movimentos antirracistas contradizem as declarações selecionadas a partir do próprio círculo de amizade pessoal ou partidário.

Marchi procura demonstrar que, “antes de ser um projecto político, o Chega é um mote de reação contra os equilibrismos partidários que não o deixaram emergir contra a mordaza discursiva do espaço público que não lhe permite maximizar o seu instinto polémico em temas fracturantes da sociedade. [Para André Ventura] a palavra de ordem ‘Chega’ pode tornar-se a alavanca, em Portugal, de uma nova direita, capaz de promover um bloco de forças anti-sistema, para o derrube da III República e a fundação da IV República, dentro do paradigma da democracia pluralista e representativa” (p. 47).

A caracterização do Chega “como um partido populista de nova direita radical” (191) se ancora nas contribuições de estudiosos que têm diferenciado os partidos de extrema direita de acordo com sua relação e participação no sistema eleitoral onde o radicalismo de direita se distingue do extremismo de direita por aceitar “as regras do jogo estabelecidas pela constituição, inclusive com sua reforma” (p.191/192). A condição de ser “nova” advém de o partido negar qualquer aproximação com a ditadura de Salazar. A compreensão de populismo é de Cas Mudde que o apresenta “como uma ideologia de baixa densidade, caracterizada

por uma visão dicotômica da realidade política, que contrapõe o povo como entidade homogênea e virtuosa à elite corrupta e corruptora” (p. 192).

O Chega é o espectro fascista que assombra a democracia portuguesa a medida em que avança para os setores mais empobrecidos da população com seu programa conservador, autoritário, nacionalista e ultraliberal. Constrói sua influência política ideológica com um discurso dirigido contra a esquerda para deslegitimar os governos da III República e se apresentar como alternativa. Daí as propostas de castração química, prisão perpétua, proibição do casamento homoafetivo, além de uma cruzada política e religiosa contra os direitos das mulheres e dos grupos LGBTI, representarem um grande retrocesso civilizatório. E, claro, o combate o combate aos direitos políticos e sociais conquistados com a revolução democrática e nas décadas que se seguiram.

Infelizmente Marchi, na tentativa de seguir as orientações do editor, cuja preocupação era “o perigo de o ensaio resvalar para a demonização, ou ainda pior, para a apologia” (p. 16) do Chega, o legitima ao não realizar uma crítica contundente ao seu programa e suas práticas.

Nesse momento, em que o fascismo avança no mundo todo, não cabe a um intelectual, com as referências de Marchi, flertar com a neutralidade política. O Chega não é um partido antissistema que respeita, pelo menos, a democracia liberal. Pelo contrário, é totalmente defensor do sistema capitalista, do Estado mínimo e forte e dos interesses do grande capital. Portanto antidemocrático, conservador, contra a superação das desigualdades sociais, estimula o ódio e a violência entre os povos e etnias.

Merece combate intransigente.